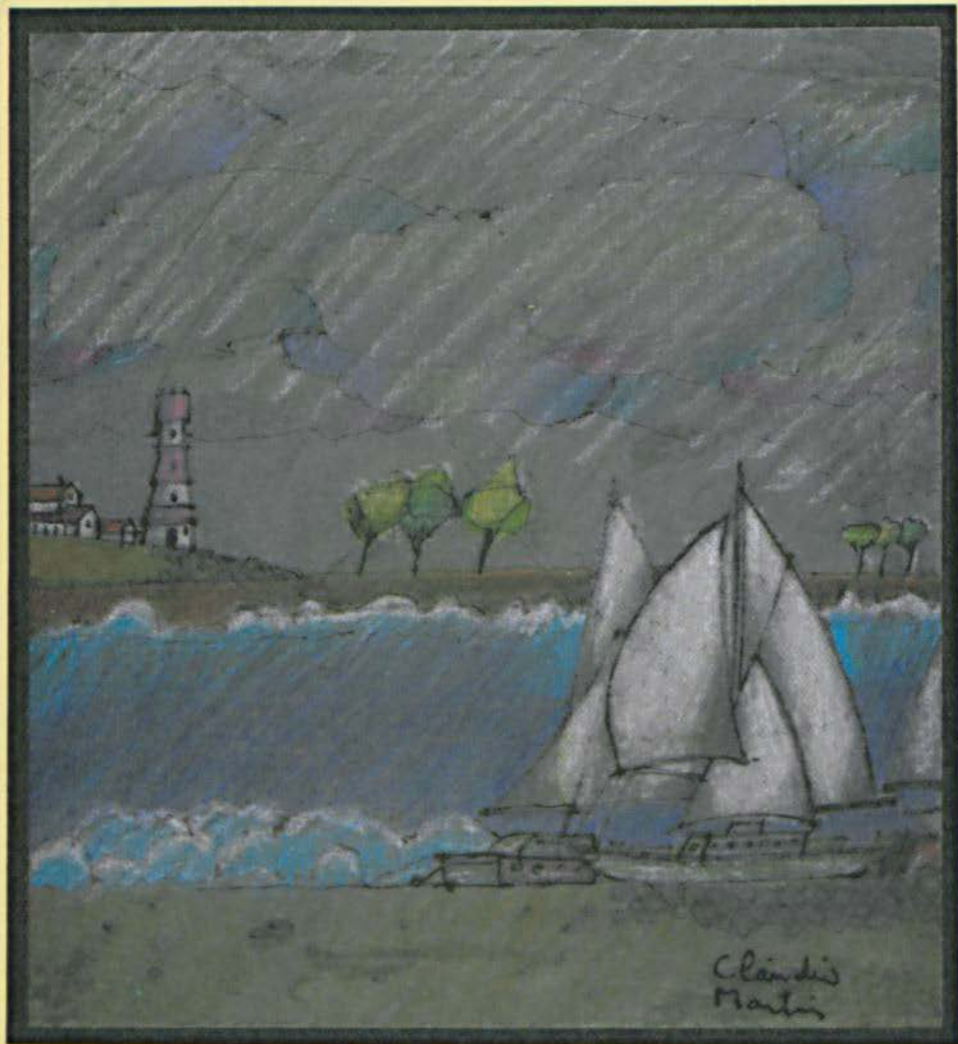


DARCY FRANÇA
DENÓFRIO

AMARO MAR

PRÊMIO LITERÁRIO NACIONAL /1987



SOBRE A OBRA DE DARCY FRANÇA DENÓFRIO

Seu livro – *Vôo cego* – testemunha tanto uma fina sensibilidade quanto um espírito meditador, que aprofunda o sentido das coisas. Beleza de versos, o “Conheço uma casa”.

Carlos Drummond de Andrade

Quem desejar conhecer a obra poética total de Gilberto Mendonça Teles (...) leia o livro de Darcy França Denófrio, *O Poema do Poema* (...) as brilhantes duzentas páginas do seu excelente estudo crítico em que surpreendeu pela minúcia dos estudos que dedica à poesia daquele a quem costumo chamar de fabuloso – pela capacidade de trabalho, pelo idealismo, pela consciência da obra que produz.

Joaquim Inojosa

Darcy França Denófrio nos chëga com o seu rico livro “Vôo Cego” e faz presença. É uma poesia despida de rumor acadêmico, uma poesia que não foi feita para ser mais uma, mas que tinha que ser, autêntica no seu sentido e na sua realidade como a presença de uma mulher no dia, com sua máscara e sua alma ferida por tantos descaminhos.

José Godoy Garcia

Sua bela tese sobre *O Poema do Poema* é um exemplo de rigor na análise ao mesmo tempo que de fervor na acuidade da poesia. GMT fez aparecer em você alguém de tão excepcionalmente sensível, que ele lhe deve e nós lhe devemos também um grande reconhecimento.

Pièrre Rivas

Université de Paris X – Nanterre

POETAS DE SEMPRE

1. MENOTTI DEL PICCHIA – Poemas: Juca Mulato
– Máscara – A Angústia de D. João – O Amor de Dulcinéia.
2. AUGUSTO DOS ANJOS – Eu e Outras Poesias.
3. RAUL DE LEONI – Luz Mediterrânea.
4. STELLA LEONARDOS – Romanceiro do Aleijadinho.
5. OLAVO BILAC – Poesias: Panóplias – Via-Láctea – Sarças de Fogo
– Alma Inquieta – As Viagens – O Caçador de Esmeraldas – Tarde.
6. DJALMA ANDRADE – Poesia & Sátira.
7. DARCY FRANÇA DENÓFRIO – Amaro Mar.

Próximos Volumes:

ÁLVARES DE AZEVEDO
LAURINDO RABELO
CASTRO ALVES
FAGUNDES VARELA
JUNQUEIRA FREIRE
CASIMIRO DE ABREU
ALBERTO OLIVEIRA
GONÇALVES DIAS
RAIMUNDO CORREIA
CRUZ E SOUSA
SANTA RITA DURÃO
BASÍLIO DA GAMA
CLÁUDIO ANTÔNIO DA COSTA
TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA
INÁCIO ALVARENGA PEIXOTO
SILVA ALVARENGA

DARCY FRANCA DENOFFRIO

AMARO MAR



EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE

EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE
EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE
EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE

EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE

EDITORIALE EDITORIALE EDITORIALE

EDITORIALE EDITORIALE

POETAS DE SEMPRE
VOL. 7

CAPA
CLÁUDIO MARTINS

Segunda edição



EDITORA ITATIAIA LIMITADA

BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 67 — CEP 30.150 — PABX: 212-4600 e 222-7002

Rua da Bahia, 902 — CEP 30.160 — Telefones: 224-5151 e 226-6997

Rua São Geraldo, 53 — CEP 30.150 — Tel.: 222-8630

RIO DE JANEIRO

Rua Benjamin Constant, 118 — CEP 20.214 — Tel.: 252-8327

DARCY FRANÇA DENÓFRIO

AMARO MAR

PRÊMIO LITERÁRIO NACIONAL /1987

EDITORA *Itatiaia* LIMITADA

BELO HORIZONTE

Itatiaia ISBN - 85-319-0002-6

INL ISBN - 85-7045-012-5

Foi feito o Depósito Legal

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

D46a Denófrío, Darcy França.
Amaro mar / Darcy França Denófrío. - Belo Horizonte : Itatiaia ; Brasília, DF : INL, 1988.

(Poetas de sempre ; v. 7)

I. Poesia brasileira I. Instituto Nacional do Livro (Brasil). II. Título. III. Série.

88-1771

CDD-896.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Século 20 : Literatura brasileira 869.915
2. Século 20 : Poesia : Literatura brasileira 869.915

1992

Direitos de Propriedade Literária adquiridos pela
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
Belo Horizonte

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DA AUTORA

Darcy França Denófrio, Professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, nasceu na Fazenda Nova Aurora, no então município de Jataí, Distrito de Itarumã, no Estado de Goiás, a 21 de julho de 1936. Fez seus estudos primários e secundários em Jataí-GO e os superiores em Goiânia, licenciando-se e bacharelando-se em Letras Modernas-Inglês pela Universidade Federal de Goiás, onde também realizou os seus estudos de Pós-Graduação-Letras, sagrando-se Mestre em Teoria Literária em 04.11.82, realizando defesa de tese sobre a obra poética de Gilberto Mendonça Teles. Professora secundária desde 1961 e de ensino superior desde 1976, tem colaborado com poemas e/ou artigos de crítica literária na *Revista do ICHL* da UFG, *Linguagem*, da Ed. Presença-Rio, *Revista de poesia e crítica* e também nos eventuais Suplementos Literários de Goiânia. Apesar de publicar poemas desde a adolescência nos jornais de Jataí, o seu primeiro livro de poemas, com o título de *Vão cego* editado pela Editora da UFG, só veio a público em 1980, conquistando, em setembro do ano seguinte, o troféu estadual "A Enxada", prêmio "Cora Coralina", conferido pela União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás. Em 1982, ficou entre os quinze finalistas da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, na modalidade poesia, com um livro inédito, *o risco das palavras*, conforme atesta o *Jornal de Letras* nº 374, ano XXXIV. Já no ano de 1984, pela Editora Presença, Rio, publica sua dissertação de mestrado sob o título de *O poema do poema*. É também autora didática, tendo publicado em 1970, pela Editora do Brasil, uma coleção composta de três volumes (mais o livro do mestre) sob o título de *Composição programada*, destinada ao ensino da

composição no 1º e 2º graus, sendo o resultado de seus quinze anos de experiência nessa área, bem como de suas visitas a escolas de 1º grau da França e da Itália para observação e análise de seus métodos no assunto. Em crítica literária, além de numerosos ensaios, a maioria dos quais já proferidos como conferências, tem pronto para impressão um livro sobre Literatura Goiana, denominado *Hidrografia lírica de Goiás*. Acaba de publicar também, pela Livraria Editora Acadêmica de Porto Alegre, o título *Poesia contemporânea: GMT – o regresso às origens*. Na área da poesia, ganhou recentemente o conceituado Prêmio Nacional do INL com o seu livro *Amaro mar*, agora publicado pela Itatiaia em convênio com o INL. Além disto, depois de pesquisa efetuada em colégios de diferentes níveis de ensino, prepara quatro novos livros de técnica de redação para a 1ª fase do 1º grau, sendo que os originais do primeiro deles, já ilustrados, foram apresentados à comunidade acadêmica no II Encontro de Pesquisadores da UFG em maio de 1986.

BIBLIOGRAFIA DA AUTORA

OBRA DIDÁTICA

Composição programada (em três volumes). São Paulo, Editora do Brasil S.A., 1970.

OBRA POÉTICA

Vôo cego (Prêmio Estadual Cora Coralina da UBE-GO), Goiânia, Editora da UFG, 1980.

O Risco das palavras (finalista da “I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira”, 1982) inédito.

Amaro mar (Prêmio Literário Nacional do INL e Prêmio Especial para Autor Goiano na I Bienal de Poesia Itanhangá). Belo Horizonte, Itatiaia, 1988.

OBRA CRÍTICA

O poema do poema, Rio, Presença, 1984.

Literatura contemporânea: GMT – o regresso às origens. Porto Alegre; Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1987.

Hidrografia lírica de Goiás, inédito.

SUMÁRIO

DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DA AUTORA ..	9
BIBLIOGRAFIA DA AUTORA	10
PREFÁCIO	17
ALGA MARINHA	35/72
Alga Marinha	37
Processo	38
Fogo de Artifício	39
A Verdade – Dentro	40
Providência	41
Se	42
Legado	43
Magma	44
Três Perguntas – Uma resposta	45
Face Perdida	46
Pausa	47
Latifúndio Interior	48
Conviva	49
Outono	50
Protelação	51
Engano	52
Alegoria	53
Contingência Humana	54
Seqüestro	55
Vereda Interior	56
Limitação	57
Grito	58
Sísifo	59
Circuito Fechado	60
Farsa	61
Histerectomia	62

Fonte que Rola	63
Fora de Rota	64
Contingência	65
Condicionamento	66
Vandalismo	67
?	68
O outro	69
Meu Poço	70
Sem Opção	71
JOGO DE BÚZIOS	73/94
Parábola do Arco-íris	75
Poema	76
Os Peixes de meu Rio	77
Receita	78
Poesia	80
Projeto	82
O Risco das Palavras	83
O Melhor dos Morangos	84
Canção pelo Avesso	85
Páscoa Diária	87
Poema	88
O Caso de Cada Um	89
Método	90
Evidência	91
Signo e Sentido	92
Deixe de Estória	93
PERMANÊNCIA DAS ÁGUAS	95/136
Permanência das Águas	97
Flamboyants	98
A uma Árvore	99
Dom Maior	100
Mãe Trindade	101
Solução	103
Mater Dolorosa	104
Busca	105
Inocuidade	106

As Duas Faces da Medalha	107
Reduto	109
Decisão	110
Transitório Cristal Sobre a Mesa	111
Aprendizagem	112
O Trânsito da Escotilha	113
Ressurreição	114
Encontro	115
Desencontro	116
Saldo	117
Part(ida)	118
Elegia	119
Restauração	120
Procura-se	121
Palavra Adiada	122
Emboscada	123
Balanço	124
Cactus da Serra	125
Trigo Ecumênico	126
Lacuna	127
Vulnerabilidade	128
A Sombra	129
Revezamento	130
Limiar da Potência e da Magia	131
Enigma	132
Proposta	133
Indecifrável	134
Arco-Íris	135
Fragflima Argamassa	136

Uma vez mais (e sempre) para

Denófrio

Ângela Carla

Alessandra

Giovana.

Ainda (e muito):

a Pedro Marcelo
e João Paulo;
a minha mãe
(D. Simília)
e irmãs.

PREFÁCIO

ESTILO SEM ESTILO

José Fernandes*

A Práxis que delimita e afere a medida estética da obra de um grande poeta pode ser averiguada mediante a contínua capacidade de se renovar no amadurecimento do homem e da arte. É este o espírito das palavras do eminente poeta e crítico Octavio Paz, ao afirmar que “Quando um poeta adquire um estilo, uma maneira, deixa de ser um poeta e converte-se em construtor de artefatos literários.” Esta renovação implica, evidentemente, a apresentação, sempre constante, de aspectos composicionais e temáticos inusitados, sem, contudo, abandonar uma linha que, grosso modo, o individua no tempo e no espaço da arte e da existência. Este ininterrupto renascer estilístico, ideológico, filosófico e estético do poeta possibilita-lhe, sob certo sentido, escrever sem estilo. Ora, como assinala Clarice Lispector, “Escrever sem estilo é o máximo que, quem escreve, chega a desejar”, pois, somente escrevendo sem estilo é que o poeta será capaz de captar a totalidade das verdades do momento, sejam elas individuais ou cósmicas, e adaptar as novas formas às novas exigências da verdade que se enuncia. É com esta visão da arte poética que analisaremos *Amaro mar*, vencedor do concurso nacional de poesia, versão 1987, do Instituto Nacional do Livro, de autoria da Professora Darcy França Denófrío, a que temos a incontida honra de prefaciá-lo.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Goiás.

Escrever sem estilo não é apenas seguir os impulsos da inspiração e transpô-los para a folha, mas empreender uma atividade lúdica que exige o pleno domínio das técnicas, das palavras e dos componentes culturais e estéticos, imprescindíveis à elaboração do verso e à organização da obra. No caso específico de *Amaro mar* detectamos a perspicácia da poetisa antes mesmo de abrímos o livro. Detendo-nos no conjunto fonêmico que compõe o título, observamos que o vocábulo “amaro” já nos incita a uma série de interpretações. Inicialmente, o significado primeiro de “amaro” que, ligado a “mar”, situa-o ao nível da denotação, sobretudo se considerarmos que realmente a água do mar apresenta sabor amargo. Entanto, perscrutando melhor, verificamos que “amaro” não é um vocábulo autônomo; ele só tem sentido quando aliado ao termo “mar”. Ao ser pronunciado todo o sintagma, percebemos que a acepção *amargo* é extinta, sobressaindo, fônica e semanticamente, *amar*. Interpretando “mar” como a mais concreta e abstrata representação da existência, sugerida, como veremos, pelas partes que compõem o livro, constatamos que realmente os dois sentidos estão presentes na totalidade da obra. A vida, não obstante sua amarosidade, é amada, igualando-se, deste modo, à percepção que se tem do mar: mesmo sendo amargo e temido, sendo pai e padrasto, também é amado.

Correlacionada à duplicidade semântica dos vocábulos “amaro” e “mar”, a nominação atribuída à primeira parte, “Alga marinha”, irá se revestir de idêntica ambigüidade, além de conservar o campo sematológico do título e as implicações existenciais de vida-mar-amargo. Assim, o primeiro poema, trazendo a mesma intitulação, revela toda a polis-significação que se imprimirá aos demais poemas do livro. A alga, a despeito de conjugar-se ao amargor da existência, expresso pela água, ao mesmo tempo amarga e oscilante, figura como proteção, como segurança, mantendo, desta forma, o equilíbrio imprescindível ao ser e ao estar do homem no mundo. Comprova-o o fato de encontrar-se ela à deriva, em mar aberto, mas ao mesmo tempo livre e consciente de que necessita – tarefa unicamente sua – de encontrar um

caminho. É a segurança proporcionada pela identificação com a alga. Deste modo, o ser navegará pela existência com a consciência e a tranqüilidade indispensáveis à (i)realização da essência.

Como as epígrafes de Arcângelo R. Buzzi e de Octavio Paz deixam entrever, não se trata da segurança plena dos heróis epopéicos que, além de serem fortalecidos pela condição de semideuses, possuíam a proteção, sempre vigilante, de um deus onipresente, às vezes, onisciente. É mais a certeza das dificuldades que deverão ser enfrentadas, aliada à determinação de, conquanto todas as contingências, ter que existir e, na medida do possível, procurar Ser e alcançar, com ares de vitória, *a praia maior / de todos os oceanos*, pois, uma vez lançado no mar da existência, só resta ao homem ser ou permanecer no nada.

Destarte, a inexistência de rumos, fixada pelo poema, não anula a vontade de ser, uma vez que a ilimitação existencial é um dos atributos simbólicos da alga, tão reiterada no poema de abertura. Ademais, prosseguindo a análise, outros símbolos de potência e de vontade-de-ser irão ratificar o desnorteamento existencial e, ao mesmo tempo, o incontido desejo de realização. Mesmo considerando a interminação inicial, prefigurada pelos vocábulos “mar” e “oceano”, observamos que o homem procura a *maré do princípio* ou a verdade da existência desde os primórdios. É evidente que, conforme se pode verificar no poema “A verdade – dentro”, o ser do homem se debate sempre entre forças antagônicas. De um lado, colocam-se aquelas que tendem a anulá-lo; de outro, a força do *potro selvagem* que, mesmo inexperiente, traz, em sua própria essência, o desejo irremediável de ser, desde as origens. O *oceano de mãos*, ou seja, as limitações e as contingências, busca, desde os primórdios, nulificar a impetuosidade do desejo de o homem ser e de revelar a verdade mais funda da existência.

É interessante observar que os símbolos de segurança e de impetuosidade do desejo de ser – alga, oceano e potro –, para demonstrar a fragilidade do ser do homem, são colocados em situações em que as limitações se sobrepõem à possibilidade-de-ser. Determinado a realizar-se, o ser, en-

tretanto, é, desde as origens, acossado pela negatividade do não-ser, como o comprovam os empecilhos que o acompanham. Assim, mesmo quando está sob o signo de “alga” e “potro”, ou de “porta”, tal como aparece no poema “Se”, que se afiguraria como a passagem do não-ser ao ser, encontra-se impossibilitado de realizar-se em plenitude. Se isso não bastasse, o “muro”, componente simbólico que, nas mais variadas culturas, significa proteção, neste poema ajusta-se aos obstáculos que se interpõem à subjetivação do ser.

Seguindo este rito de sofrêda miserabilidade, um símbolo de potência e de bravura, como “espada”, presente no poema “Legado”, se conjuga à destruição e, sobretudo, à total impraticabilidade de manifestação de ser: o silêncio. Impedir o homem de falar é impedi-lo de ser, porque proibido de desvelar a própria essência:

É sempre a espada no meu peito
solda-de-ferro nas minhas mãos,
nos meus lábios, na minha cabeça,
selando qualquer grito de protesto.

Neste mesmo sentido, o vocábulo “chicote”, do poema “Pausa”, em vez de se correlacionar à decisão de ascender à subjetividade, antes fustiga o cavalo dos desejos-de-ser a diminuir a marcha e deixá-la niilizar-se, como se a ascensão ao ser fosse tarefa impossível:

Só me lembro de que, além de Sírius
e da própria Via-Láctea de vinagre,
existe a mão e o chicote
imprimindo um ritmo,
segurando bridas e loros
e tirando aos poucos
o meu cavalo do páreo.

Ampliando os horizontes da interpretação contidos nas preocupações existenciais, podemos perceber também o inconformismo da Poetisa perante a inexorável realidade da morte que, como uma ferrugem em região litorânea, corrói o

ser ininterruptamente, mal é ele concebido, extinguindo, assim, as forças ao cavalo, por mais impetuosa que seja sua potência-de-ser.

Se há poemas em que o homem se encontra em estado-de-lançado e, conseqüentemente, vítima da própria condição, não se esquecendo sequer da inevitável ação do tempo que lhe corrói a beleza e os sonhos, como se verifica em "Face perdida", opera-se também a relação do "ser-af" com o "ser-com", em que o outro se afigura um éstorvo ou até indiferente à existência do "ser-af". Nesta convivência com o outro se sobressai a solidão. Não uma solidão qualquer, mas aquela em que o ser se encontra em um banquete, rito essencialmente comunitário, onde o conviva se insere no conjunto integral da sociedade. Ora, sentir-se só em uma situação eminentemente comunitária, como ocorre no poema "Conviva", configura a extrema solidão, a extrema desintegração das relações do "ser-af" com o "ser-com". O banquete, em decorrência, adquire conotações específicas, voltando-se unicamente para a existência, transformando-se em ritual existenciário que tem como único comensal cada ser em particular, *que brinda sozinho*.

A travessia existencial de certa forma se reproduz na organização temática dos poemas. Assim, a um poema denso de pessimismo e de impossibilidade de cura, como "Conviva", segue-se outro, em que, não obstante a precariedade natural da existência, se observa certa audácia, imprescindível aos passos capengas da travessia, como se pode depreender da última estrofe de "Outono" e de todo o poema "Protelação". Neste, fica claro que a travessia, conforme Guimarães Rosa colocara através de Riobaldo, demanda constância e pertinácia. É ela um procedimento que não admite fuga; uma vez lançado na existência, o ser terá que caminhar ininterruptamente pelo sertão da existência, ou reformar continuamente sua morada, porque *engavetar o projeto* é uma tarefa reservada unicamente aos alienados.

E nesta caminhada, a passos largos ou a marcha penosa, não se pode protestar. Nem mesmo gritar, que é a forma mais primitiva de libertação dos impulsos e das dores in-

controladas. Reprimir o grito, consoante expõe a poetisa em poema assim intitulado, afigura-se-nos uma espécie de autofagia, em que os impulsos e as negatividades do ser não se liberam. O grito retido encerra o ser na própria prisão, na própria incurabilidade, pois somente a fala o vivifica e lhe restitui a potência de ser.

Verifica-se, entretanto, que mesmo retendo o grito e a negatividade, o ser consciente de seu estar no mundo não se deixa niilizar; caminha sisificamente pela montanha da existência e carrega a pedra das suas misérias, porque a vida é um jogo de *ganhar e perder / e perder e ganhar / e sempre recomeçar*, como fica expresso no poema "Sísifo".

De resto, observa-se, nesta primeira parte, que a temática e os símbolos empregados pela poetisa condizem com a inteligente intitulação do livro. Assim, levado pelas vagas da vida, o homem, como copartícipe da condição humana, não dispõe de um paradeiro fixo, oscila constantemente entre a positividade do ser e a negatividade do nada. Mas, neste jogo de ir-e-vir, resta-lhe a esperança consciente de que a água do mar, mesmo sendo amarga, é simultaneamente vida e morte. Dessa forma, a morte, ou seja, a negação, o expatriamento de si mesmo, o fundo do poço da existência, consideradas as circunstâncias vivificadoras da água, não é um fim, não é o domínio absoluto do não-ser, mas a travessia para o ser, perpetuando o jogo eterno de perder e ganhar e, mormente, de recomeçar.

Neste jogo de ser/não-ser, a vida se apresenta amarga, como o travo da água do mar. Todavia, desenvolvendo uma atividade lúdica de um ser consciente, a poetisa deixa patente que, a despeito das agruras, a vida também é amor e tem que ser vivida intensamente, além de ser edificada diuturnamente tanto no nível ontológico, quanto no nível poético, porque pela força do *logos* o homem transpõe a negatividade do não-ser.

2 – AMARA PALAVRA

Se na primeira parte de *Amaro mar* verificamos uma postura eminentemente existencial em que a vida é amargura

e amor, água, morte e renascimento, na segunda, o ato de compor o poema, entrevisto em "Jogo de Búzios", permite prevermos a continuidade da linguagem líquida e do jogo. Ora, o jogo possibilita a constância de uma verdade encoberta, que perpassa o livro, incrustada na ambigüidade do vocábulo *amaro*.

A comprovação de que não se trata unicamente de uma inferência gratuita já se encontra no primeiro poema, "Parábola do arco-íris", carregado de palavras densas de simbolismo. "Arco-íris", ao proceder a mediação entre o alto e o baixo, aponta, ao mesmo tempo, para a magnitude da poesia e da existência, para a miserabilidade humana e para os obstáculos que se interpõem à criação do texto poético. Entretanto, sua simbologia aliada à do sangue, um de seus tons mais vivos, enseja a ultrapassagem dos limites humanos, porque expressões de fecundidade, de calor e de vida. Considerando que se trata de um poema de abertura do jogo da linguagem, em que a poetisa expõe, metalingüisticamente, o seu *modus componendi*, aos valores precedentes se associa tudo que é belo, nobre e elevado, qualidades imprescindíveis à instauração do poético. É evidente, no entanto, que todo nascimento, inclusive o artístico, opera a união dos contrários: dor e alegria. Sendo o sangue veículo da vida, lógico seria que ele encerrasse dupla acepção, gozo e sofrimento, componentes que caminham pelas veias da poesia e alimentam a alma do poeta. Para que não fiquemos desamparados nesta interpretação, irmana-se o sangue ao "roxo", cor essencialmente voltada para a penitência, imagem da persistência e da pertinácia necessárias ao poeta consciente do labor poético. Não é sem fortes razões, portanto, que o "roxo" remete ainda à lucidez, à reflexão, ao equilíbrio e à sabedoria, atributos indispensáveis ao grande poeta. Se não bastasse a indireta nomeação destes predicados intrínsecos, está ele ligado também a amor e a paixão, significações incrustadas em "amaro".

Nesta conjuntura, reveste-se de profunda significação o fato de a poetisa, no momento da escritura, encontrar-se no vértice do arco-íris, pois, sendo deusa e mulher, Ísis, "rumorejam" nela, ao criar o poema, "várias as vozes do

século”, despedaçadas em palavras. Não o despedaçar-se daquele que se avizinha do nada, mas o daquele que se *dis-simula nos semitons dos signos*. Este sentido, apenas sugerido em “Parábola do arco-íris”, fica evidente em “Poema”, que patenteia a materialização do poético no jogo de velar e desvelar, transfigurado no (des)vestir-se ou na fusão das cores no arco-íris, a fim de que as verdades jamais se singularizem. A poesia é um desnudar-se que não se mostra, um mostrar-se encoberto. Por isso, o ofício de escrever, como esclarece a epígrafe extraída de Clarice Lispector, “É duro como quebrar rochas”.

Retomando sempre o motivo da água, na perfeita imagem do vir-a-ser, de fonte de vida e de centro de regenerescência, também os limites da liquidez fazem o poema e entretencem as margens da verdade, sempre oscilante entre as dobras invisíveis da rede de signos nas profundezas do amaro mar, ou na superfície da história, repleta de versos e de anversos, como se pode depreender do poema “Os peixes de meu rio”. Neste ofício de revelar-se-ocultando, a poesia se assemelha a peixes ariscos que não se deixam enredar facilmente, não obstante aproximarem-se dos anzóis recurvos do significado, ou das malhas da crítica.

“Os peixes de meu rio”, afora assinalarem a perspicácia indispensável ao poeta, a fim de não se deixar aprisionar pelas armadilhas da linguagem poética, permitem divisar certa inquietação existencial. Surpreende, no entanto, que resida ela tanto na superfície, quanto nas profundezas do ser. É verdade que, na superfície, encontra-se ela apenas nas aparências, pois “noturna”, representação palpável do caos; não obstante, interligada ao vocábulo “ais”, transparência da dor existencial, só é perceptível aos iniciados. No jogo da poetisa, a superfície é profunda; talvez mais profunda que os simples *peraus*. Na insondabilidade do ser, o caos se encontra nos abismos das águas, notadamente as dos remansos da solidão, encantados pelo canto ilusório da iara, como se existir não passasse de engano, e engano continuado.

A amara consciência poético-existencial de que é dotada Darcy França Denófrío, pode ser sobejamente percebida no poema “Receita”. Construir o poema não é apenas

montar nas asas do cavalo da emoção e deixá-lo navegar à deriva; é, antes de tudo, o domínio pleno da bússola das palavras. Dominar as palavras, trazê-las à rédea curta, não somente é o ofício do poeta, mas, sobretudo, revela ser a articulação perfeita da existência. Articular a linguagem com as esporas da consciência poética é domar o potro indômito da essência, sempre ameaçada por forças desumanizantes. Destarte, os freios do incontido desejo de compor devem ser, muitas vezes, energicamente sofreados. A inspiração, ou a emoção, sem o controle consciente do poeta-cavaleiro, pode transpirar instintos impetuosos, que quebram as asas ao Pégaso, mas a poetisa sabe também que *o vôo sem ela / é sempre rasante raso.*

Se os cuidados com o poema correspondem à atenção que se deve ter com a existência, a poesia, de certa forma, incorpora atributos peculiares ao humano. Além de ser a manifestação da verdade do homem, no lado metafísico, no ffsico se confunde com a matéria corporal, como fica patente em "Poesia". Sob este aspecto, é extremamente significativo que tenha "poros" e "transpire sangue", como a transportar e a transmitir vida, ou seja, a veicular verdades que encerram a própria essência do poeta. Amoldando-se ao humano, afaga e acaricia; mas, ao mesmo tempo, tempera a própria existência, porque o humano só se manifesta quando o ser estiver amoldado. Somente entendida assim, pode ser "mito" e calar na força do *logos*, porque ciente de suas fronteiras.

Se a poesia é o silêncio e a fala do mito, a palavra poética deve nascer das profundezas do ser, ou seja, desprender-se do âmago do poeta. Mas, como existir é um perigo continuado, desvelar o ser mediante a palavra úmida da poesia é um risco cósmico, porque ato e prática existencial. Em consequência, a poetisa, consciente da força que anima os entes e os seres, prefere não dizê-la, mas *guardá-la como pedras, mesmo ferindo o peito.*

Sabe ela que lançada a palavra no tabuleiro do poema, o poeta corre o risco de desvelar-se. É verdade que não se trata de uma revelação derramada, mas de um mostrar-escondendo, pois cada palavra encerra o princípio vital, e

pronunciá-la implica ser e não-ser um pouco, implica liberar uma parcela de alma, porque palavra é *pneuma*, sopro. Assim entendido, camuflar, tornar a mensagem ambígua, polivalente, além de constituir a essência da poesia, é uma forma de reter a própria alma, a própria verdade. Daí, “O melhor dos morangos” ser o *creme, o leite da sobremesa, (...) o ritual de sombras e ciladas / do véu de veludo velando tudo*.

Deve-se ponderar, no entanto, que a palavra não brota de raízes estéreis, nem do subsolo ressequido da linguagem e da inspiração do poeta; irrompe, sim, das profundezas úmidas do ser e da língua, magistralmente materializada no poema “Páscoa diária”. Dissemos, anteriormente, que a palavra manifesta libera parcelas de alma, de espírito, de essência. Essa acepção, neste poema, já se enuncia no primeiro vocábulo, “pássaros”, símbolo de espiritualização. Neste sentido, a palavra poética será a representação dos estados superiores do ser. Além disso, retornando ao vocábulo “páscoa”, alimento materializado pelo termo “peixe”, verificamos que ele remete também para fecundidade, qualidade indispensável à criação de novos entes e seres, mediante o *fiat* poético, evidente na palavra “ovos”, reiterada três vezes, número fundamental, também expressão da ordem intelectual e espiritual. Afora estas palavras falarem por si, no contexto criado pelo vocábulo “páscoa”, averiguamos estarem elas intimamente correlacionadas com água, elemento indispensável à germinação, realizada nos subterrâneos-mundos da linguagem e do poeta.

Observa-se que a segunda parte de *Amaro mar*, além de conservar a linguagem líquida da primeira, indispensável, à fecundação, à germinação e ao desenvolvimento do fazer poético, conserva também a mesma postura existencial. Atitude manifesta não somente pela angústia de compor o verso; mas, sobretudo, por uma censura que, afora provir da rígida consciência do fazer poético, advém da própria revelação do ser, na medida em que a palavra, falada ou escrita, é o desvelamento da verdade do homem. Assim, o poema “O caso de cada um”, não obstante situado em outras circunstâncias, essencialmente metalingüística, é um eco do poema “Grito”. Se naquele, “Grito”, a fala era reprimida

por uma espécie de embargo, proveniente da angústia sufocante, transformando-se em autofagia, em que se sorve a própria essência, porque se é silenciado; neste, em vez de ser ela calada – porque o genuíno calar só é possível mediante o genuíno falar – se silencia à espera do momento exato em que as palavras devem ser pronunciadas. Todavia, nem sempre a Poetisa articula as palavras desejadas numa clara referência às dificuldades inerentes à escrita, além de remeter para os obstáculos que se lhe interpõem para articular a própria existência, na medida em que nem sempre a vida se norteia pelas direções que lhe são impostas.

A interação do feitiço do ser com a plástica do poema se patenteia, quando comparamos os dois textos intitulados “Poema”: um colocado ao início; outro, quase ao final do segundo bloco. Se, no primeiro, se observa a necessidade de se desnudar e, ao mesmo tempo, de se dissimular, no segundo já se verifica a seleção de palavras, manifestação da clareza do ato de compor. Entanto, o poema não vem à luz, se não após contorcimentos metafísicos em que o servulção vomite a própria essência sob espécie de palavras. O ser e o poema, todavia, não transbordam matéria existencial e poética *in natura*. É necessário; antes, adormecer e acordar pedras, ou seja, direcionar as lavas para os vales do poema, para que elas não destruam nem deformem as encostas da poesia.

Sob esta perspectiva, compor o poema não é uma imposição, mas um ato de liberdade. Por isso, “pomo maduro”, imagem da faculdade livre de fazer, temperada pelo saber. Decifrada a palavra “pomo”, percebemos a perspicácia da poetisa no poema “Método”, em que inspiração e emoção se submetem ao controle racional da sabedoria e da estação de Hefaios, obedecendo ao ritmo, ao desenvolvimento e à maturação, imprescindíveis ao desabrochar e ao arrebentar da rede de palavras. Com esses cuidados, ela constrói sua eternidade, prefigurada pelo vocábulo “pomo” e confirmada por todo o poema “Evidência”.

É neste sentido que se deve amar a palavra, porque, não obstante obrigar à amara tarefa de articular-se em poesia, revela-se instrumento hábil e inconfundível de imortalidade.

dade. Além disso, opera-se correspondência perfeita entre o ato amargo de burilá-la no poema e o ato de ser desde dentro, construindo-se em essência e existência.

3 – AMARO DIA-A-DIA

Sob o signo da água, elemento primordial, a poetisa se inscreve na existência, na palavra, na linguagem, na poesia e, em decorrência, se redige também nos momentos aparentemente efêmeros que compõem o dia-a-dia, porque a água se confunde com a própria vida, na medida em que está presente em todos os instantes da existência. Marcada pelo estigma da água, semente divina e verbo regenerador, a poetisa se reveste de palavras e caminha pela memória do tempo, sendo passado e presente, origem, permanência e fim-começo. Sendo ela água primordial, coparticipa da sinfonia do universo desde o *in illo tempore*, ou seja, desde os abismos e as trevas que antecederam à criação. Convivendo diariamente com o mundo aquático, algas e peixes dançam com ela as aflições do dilúvio diário, como se pode depreender do poema de abertura da terceira parte de *Amaro mar*, intitulado “Permanência das águas”.

Perpassando a existência e o livro, as águas acompanham-na todos os instantes: os solenes, como aquele do mito de origem, ou aquele que se repete ao se pronunciar a palavra poética; os transitórios, águas de outubro ou novembro, imagens das tempestades existenciais, e as de março, transfiguração das calmarias, mesmo passageiras; as permanentes, presentes no ritual diário, expressão de todos os momentos, fugazes e perenes.

É interessante observar que, na permanência das águas, outros elementos se lhe aderem, a fim de reforçar-lhe o sentido de regenerescência e de fluir contínuo de vida. Sob esta acepção, a árvore, presente no poema “Flamboyant”, evoca a idéia de repetição, implícita ao cosmos vivente e, no caso, ao dia-a-dia fugaz da existência. Não se trata, quando se refere ao signo da árvore, de uma repetição do idêntico, mas do diferenciado, porque em permanente evolução, notadamente se considerarmos que neste viver

diuturno é que se processa a verticalização do homem, também entrevista pelo simbolismo da árvore e confirmada pela cor vermelha que lhe é peculiar. Importa ressaltar que o flamboyant, a despeito de ser uma árvore do quotidiano, é também árvore da vida, valorizando, deste modo, os aparentes sem-sentidos da existência diária.

A imagem da quotidianidade é reiterada no poema que se segue, "A uma árvore", com um sentido particular, pois, além de representar o eterno fluir das coisas, como se as atividades diurnas passassem por uma espécie de recriação e, portanto, a ininterrupta presença do novo, representa a própria poesia, atualização e criação contínua da realidade e matéria viva de imortalidade, capaz de transformar o poeta em deus. Como a árvore rejuvenesce a cada primavera ou se metamorfoseia alquimicamente em outras árvores, o poeta renova o mundo na magia do verbo e pereniza o dia-a-dia na imagem exemplar da palavra poética, pois passou pela *aprendizagem do cactus: / o rito do fluir para o corpo / e para a seda de suas pétalas / as suas cacimbas interiores.*

A perspicácia da poetisa, a que temos a honra de prefiar, se demonstra a cada poema, mas em "Dom maior" parece-nos que ela extravasa os limites. Ao lermos o poema a primeira vez, tivemos a impressão de tratar-se de um texto denso de pessimismo, encimado por um título paradoxal. Ao verificarmos as acepções possíveis da imagética inserta no vocábulo "metade", demo-nos conta da arte e manha da poetisa. Oferece-se pela metade, neste caso, em vez de revelar-se uma deficiência, um problema existencial, reveste-se, na verdade, de elevada sabedoria. Somente possuindo o poeta o domínio de suas metades, possuirá as bússolas da escritura, estará em sua plena luminescência, pois ver a poesia e a si mesmo desde a essência implica ver pelo meio. Só através das metades se chega ao centro, ao ponto fixo de si mesmo e da arte.

A história da mulher-poetisa, como a de todos os homens, na condição de sujeito ou de objeto, oscila, às vezes, entre a superfície e os insondáveis abismos da existência, compondo-se de amenidades, de confrangimentos, de certezas, de inquietações, de amabilidades, de asperezas. Vários

poemas do cotidiano parecem mostrar com sóbrios detalhes estas situações. “Mãe Trindade” lembra períodos aprazíveis da infância em que pessoas experientes e amáveis deixam marcas inconfundíveis na memória do tempo; “Solução” aponta para circunstâncias em que deve pesar o bom-senso, mesmo que jamais as dúvidas possam ser dirimidas; já “Mater Dolorosa” insere o homem na extremidade da existência, bafejada pela presença inexorável do nada, em que todos os recursos humanos são impotentes para restituir o ser à sua plenitude.

Sob o signo das águas, inclusive velhos conceitos, inculcados pela educação religiosa, como o do Deus padrao, pronto a castigar, passam pelos filtros da verdade poética, a verdade do ser. Através da poesia, a poetisa questiona as verdades que lhe foram impostas e fixa a sua verdade — aquela que descobrira ao (de)compor as malhas da existência. Neste sentido, o poema “As duas faces da medalha” ultrapassa os limites do cotidiano e se insere nas profundezas das águas de onde jorra a certeza presente, porque expressão da subjetividade da poetisa interferindo na história. Ora, ninguém mais apropriado para transformar os rumos da história que o poeta, pois a obra de arte, ao colocar em operação a verdade individual, ilumina os abismos do tempo e abre as portas do mundo para a essência da verdade, isto é, “a luta primordial em que se conquista o centro, dentro do qual se encontra o ser e do qual se recolhe dentro de si mesmo”, na concepção de Heidegger.

Se examinarmos a “Permanência das Águas”, ou seja, os poemas do dia-a-dia, com a profundidade que eles sugerem, verificaremos que a maioria deles, a despeito de apresentarem um tom mais tênue de reflexão existencial, interligam-se à primeira parte. Na verdade, os poemas dessa terceira parte, conservando, implicitamente, a linguagem líquida das partes anteriores, permitem, vez por outra, um mergulho na própria essência. Sob este prisma, é significativo o poema “Reduto”, em que se pode perceber o caos existencial, presente no completo esfacelamento dos sustentáculos da existência, restando à poetisa unicamente a coragem, imprescindível, segundo Paul Tillich, à reconstrução do ser, porque capaz de resistir ao desespero, à angústia de não-ser.

Seguindo este raciocínio, o poema "Transitório cristal sobre a mesa", afora inscrever na memória do tempo objetos aparentemente insignificantes, interliga-se à fugacidade da existência, na medida em que é o cristal o intermediário entre o visível e o invisível. Assim, correlacionando-o com "Face perdida", da primeira parte, averiguamos que o cristal espatifado, à semelhança do próprio rosto, seria a imagem da fugacidade humana que, mesmo submetida aos maiores cuidados, não resiste às intempéries do tempo. Não é sem razão que, na literatura, mormente na poesia, se tem procurado recuperar os traços da juventude, como já o fizeram Cecília Meireles e Drummond; é a tentativa de, através do visível, resgatar a face invisível. É evidente que, se não é possível uma recuperação física, opera-se ela em nível metafísico, por intermédio da arte. O cristal, entretanto, ao contrário do homem, representa a irrecuperabilidade física e metafísica, porque, uma vez despedaçado, impossível é recompor-se, mesmo em palavras, como faz o poeta.

Esta imagem da recomposição, possível quando se tem consciência existencial, pode ser confirmada se relacionarmos estes dois poemas com outro, significativamente intitulado "Recuperação". Além de demonstrar de forma clara a possibilidade de restauração, como se operasse um novo nascimento, ratifica a capacidade, desde que se disponha dos meios, de o ser curar-se das fragilidades humanas. Sob este aspecto, em vez de o quotidiano referir-se à relatividade do ser e evidenciar o pleno caminhar para o fim, representa, em uma postura otimista da existência, a probabilidade de um curar-se relativamente à vida, pois, *Nossas mãos unidas / ganharam outra força / e reinventamos outra vida.*

Todas as ações existenciais do ser devem convergir para um centro e conduzi-lo a um ponto fixo, que será, para ele, o centro do mundo ou da própria essência. Considerando que a poesia de Darcy França Denófrío se move sob e sobre as águas, com indiscutível notação existencial, podemos conectar o poema "Encontro" aos anteriores e comprovar a existência de um nexó perfeito entre eles, na medida em que "Encontro" representaria o ser que resgatou a verdade e a essência e, agora, se instala no centro de si mesmo, ou seja, na própria humanidade.

É imperioso verificar, entretanto, que a existência não se revela ao ser como uma rocha inamovível, mas como as ondas do mar, oscilantes. Assim, a essência se lhe apresenta como um jogo de esconde-esconde, em encontros e desencontros. Importa que, ao final, o saldo seja positivo e se possa concluir que houve uma travessia e que “Aqueles que não nos matam, nos tornam mais fortes”.

Feitas estas ponderações, constatamos que os poemas que compõem a terceira parte de *Amaro mar*, são muito mais que a poética do cotidiano; são na verdade, como de resto todo o livro, a poética da existência, do ser que vive diuturnamente o caos existenciário da (des)construção do ponto fixo da humanidade e da arte.

Admitido que elaborar o texto poético é uma tentativa de articular a existência, escrever sem estilo, como propusemos ao início, pode ser entendido como a maleabilidade da linguagem que permite ao poeta, em cada situação existencial, despedaçar-se em palavras e resgatar sua subjetividade mediante a magia do *logos*. É a capacidade de dialogar com os labirintos do ser, dos outros e do universo, de tal forma que cada palavra seja portadora de existências. É neste sentido que Darcy França Denófrío escreve sem estilo, porque umedecida pelas águas da poesia, cria novas realidades que são a instauração do ser na e pela palavra. Assim, utilizando palavras de Heidegger, podemos dizer que poesia, para ela, “não é um adorno que acompanha a existência humana, nem uma passageira exaltação, nem um acaloramento ou uma diversão. A poesia é o fundamento que suporta a história” e a existência. Escrever sem estilo é percorrer as enfiaduras da existência e transformá-la em palavra poética, segundo suas falas e seus tempos.

Goiânia, 18 de março de 1988.

AMARO MAR

A mais verdadeira poesia é a que
mais dissimula.

TOUCHSTONE

A poesia lírica carece tão pouco
de conexões lógicas, quanto o
todo de fundamentação.

EMIL STAIGER

ALGA MARINHA

Como a alga, lançada à água (...) assim o homem é lançado no mar da existência.

ARCÂNGELO R. BUZZI

O homem foi jogado, largado no mundo.

OCTAVIO PAZ

ALGA MARINHA

Alga marinha lançada ao mar aberto,
navego à deriva – não estou presa a nada.

Quero achar o meu caminho – o do começo –
mas me instalaram nesse arremesso
e não conheço a maré do princípio
que me jogou nesse permanente risco.

Alga marinha nesse amaro mar,
sem pontos cardeais, mapa-múndi
ou estrela-guia, vivo à deriva.

Não conheço meu porto (asseguro)
e um dia só serei verdes cabelos
envolvendo corpos destroçados

que viajaram na maré montante
e chegaram afogados de aurora
à praia maior – de todos os oceanos.

PROCESSO

Para Zaira Turchi

O homem nasceu livre, e em toda parte
se encontra sob ferros.

Rousseau

Primeiro, as faixas brancas para o corpo,
enrolando a massa sem governo.
Primeiro os fios, o vaivém dos bilros
e a larva que só tem a própria boca.

Depois, a camisa-de-força à força,
o duro aperto contra o estirão do corpo,
as ataduras nas mãos e nos pés
e o grande recuo no próprio espaço.

Mais tarde ainda, o selo na testa,
os freios na boca e no coração
e as pernas que (des)caminham
em busca da gleba que se perdeu.

Só então se descobre que quem passeia
na solidão de campos devolutos,
são faixas brancas, camisas-de-força
e uma larva que perdeu a própria boca.

FOGO DE ARTIFÍCIO

Para Brasigóis Felício

Estamos entretecidos na vida
plantados na Terra
onde brotam nossos sonhos
de aéreas raízes.

Neste mar lancei âncoras,
teci meus fi(lh)os, providenciei correntes,
sobretudo arquitetei meu caracol,
mas não estou presa a nada.

E isto dói mais que todas
as dores juntas, multiplicadas:
ser só um fogo de artifício
explodindo no ar tão somente
a fração de seu momento mágico.

A VERDADE – DENTRO

Se não houvesse
esse pacto secreto
de silêncio de chumbo,

ou essa oclusão completa
de um travo-de-ferro
na grotta da garganta,

a verdade fluiria fluida
do flanco da montanha
ou do poço da garganta.

Mas esse silêncio
foi fabricado, dentro,
não por mim ou você,

mas por oceanos de mãos,
segurando bridas e freios,
esmagando goelas e anseios,

desde a mais remota manhã
em que o potro selvagem
ensaaiou sua disparada na planície.

PROVIDÊNCIA

Antes que uma ogiva nuclear
dispare a terceira catástrofe,
é preciso assestar o meu telescópio
e namorar ao menos uma estrela.

É preciso com cuidado e esforço
ver se consigo enxergar na lente,
milhões de vezes aumentando, o amor
que me dei e ao meu semelhante.

Se enxergo nessa cegueira compulsória
as coisas que nem sequer tateei.
Se alcanço o mundo dos vermes e dos homens
e nele consiga de fato me situar.

Se valeu a pena a caminhada,
disparada em atropelo, com tantas chagas,
corpo e alma sangrando, lanhados,
por essa via crucis e não de leite.

Se valeu essa hóstia, pão do amor,
mesmo em migalha de Lázaro,
que se dividiu entre parceiros
deste mundo sedento e esfomeado.

SE

Ah! se você pudesse fluir para mim
o seu rio interior de verdade,
e eu me pudesse lhe dar na medida,
tudo seria tão simples - o grau zero
de um riacho de cristal fundido,
entregando a pura visão do fundo.

E sem nenhuma refração
no espelho das águas, nós,
duas crianças sem segredos,
passearíamos as nossas vidas
sem soslaios, pé-ante-pé,
pé na frente outro atrás, rindo
cristalinamente nossas verdades.

Tudo seria tão simples, tão puro,
sem nós-de-gravata ou de garganta,
e sem essa porta fechada a ferro
entre os nossos dois paralelos muros.

LEGADO

O meu maior legado
(ou minha cruz maior)
é esse grito de superego.

Estranha voz, tão muda e calada
e tão cortante como faca ou espada –
punhal de aço nos meus ouvidos.

Não é uma voz que bata à porta
ou chame com cuidado:
é voz que mora dentro soberana

e sem piedade, rifle em punho,
ordena esse desterro –
meu caminhar de fasto
para meus becos sem saída.

Não há nada que possa
me calar essa voz calada,
que me alcança através
de ressonâncias tão remotas.

É sempre espada no meu peito,
solda-de-ferro nas minhas mãos,
pos meus lábios, na minha cabeça,
selando qualquer grito de protesto.

MAGMA

Para Vera Tietzmann Silva

Estratos geológicos
sedimentados na lembrança,
camadas fossilizadas
comprimidas em milênios,

por que acordam, de repente,
sob a pressão do magma
e sobem à tona sangrando?

E por que sangram tão doído
restos fossilizados,
sepultados e esquecidos?

TRÊS PERGUNTAS – UMA RESPOSTA

Para Antônio Élio

Esta moldura de ferro
(contorno de meu retrato)
que terrível mão invisível
terá inflado foles
e lhe dado essa têmpera?

Este limite de meu horizonte
(não além de meu próprio braço)
que litígio ou latifúndio
me terá feito recuar
a tão curto espaço?

E este tribunal de censura
estabelecido no meu sótão,
a quais tiranos serve
fazendo rolar minha cabeça?

Mas estes sete palmos de terra
e algumas carradas de pedra
quem os jogou sobre o meu peito
ah, isto eu sei, eu sei!

FACE PERDIDA

Para Marco Aurélio Viana França

Nosso nome sustém também um estranho de quem nada sabemos exceto que ele é nós.

Octavio Paz

Quanto mais me olho no espelho
tanto mais eu me convenço
de que meu rosto não é este.

Com aquele verdadeiro,
o que terá mesmo a ver
a imagem plana do espelho?

Cada dia mais me insurjo
e broto das profundezas
para só me espiar no espelho.

Salto de meu próprio ser
que mora noutra galáxia
e tento qualquer contato,

mas só vejo esses dois olhos
indagadores e estranhos
e um circuito bem fechado.

PAUSA

De vez em quando também, mana Adélia,
Deus me tira a poesia.
E eu tropeço num chão de pedras
que antes era algodão-doce
que eu inventava para meu sustento.
Não vejo mais a nesga azul de seda aérea,
nem ouço a cascata sonora escorrendo de um pássaro.
Sinto insônia, os olhos me ardem
e eu me esqueço de que existe o céu
e tudo mais que ele me oferece.
Só me lembro de que, além de Sírius
e da própria Via-Láctea de vinagre,
existe a mão e o chicote
imprimindo um ritmo,
segurando bridas e loros
e tirando aos poucos
o meu cavalo do páreo.

LATIFÚNDIO INTERIOR

Tenho mudado de casa
e levo, como um caracol,
a mesma casa às costas.

Quero me livrar
desta casa milenar
de concreto-armado.

E por onde vou
ela me acompanha
em peso e argamassa.

Agora vejo cristalino
que não é tão simples
como o mudar concreto.

A matéria etérea
nordestina retirante
busca poços e cacimbas

e grotões em outras caatingas.
Quer o verde subterrâneo
onde o cactus floresce eterno.

Busca rios calcários
e espaços sem fronteiras:
esse latifúndio interior
sem coronéis nem porteira.

CONVIVA

Sozinhos, depois de acabar com a ilusão de não estar sozinhos, não somos já os únicos que estamos sozinhos.

René Daumal

Convidada para o banquete maior,
estou só nesta mesa de mil convivas.
Todos estão em volta e falam e riem
e eu estou só, na mais funda solidão.

Sirvo uma taça de agridoce vinho
e, no meio da multidão, ergo sozinha
este meu brinde sem nenhum parceiro,
no meio de tantos que brindam sozinhos.

Convidada para o banquete da vida,
apenas jogo cartas de algum baralho,
improviso algum lance (ou lança)
tendo, como trunfo, uma dama na espada.

Jogo na mesa algum dado doido
sem os números e os quatro lados.
Jogo também a última cartada
e não levo sequer um tostão furado.

Mas é preciso completar a ceia
que se preparou sem encomenda.
E como o pão, bebo a água e o vinho
e a própria solidão de sobremesa.

OUTONO

É outono e um pássaro canta.
Trinco a fruta madura
e quero a definitiva posse.

Os arrozais já improvisam
seu canto de safra e ceifa
aos pássaros transitórios.

Adiando a próxima estação,
finco bandeira neste solo
que arrendei provisório
sonhando usucapião.

PROTELAÇÃO

Eu sou esta casa
reformada aos poucos:

quando a sala está pronta,
o quarto espera o seu dia.

Quando chega o dia do quarto,
a sala já quase ruiu.

E a reforma completa
é um projeto de futuro.

Preciso fazer-me arquiteto
e depois meu construtor.

Não adianta estudar viabilidades
e engavetar sempre o projeto.

ENGANO

Mandei afinar o meu piano:
não eram só as notas desafinadas
percutindo sons em desatino.

Todo o seu âmago estava doente:
cordas corridas, martelos roídos,
teias-de-aranha sobre a melodia.

E na partitura uma clave sem sol
e ais sustenidos e mais bemóis.

ALEGORIA

O átimo da eclosão
da fervura do leite
não vale o tempo gasto
na limpeza do fogão.

CONTINGÊNCIA HUMANA

Para José Fernandes

Tenho um horizonte
que não desvendo;
uma bússola
que não comando;
um relógio interior
que não controlo;
uma astronave
cuja autonomia de vôo
sobre a órbita prevista,
eu própria desconheço.
Tenho um arsenal
de instrumentos
e até um coração,
em sístole e diástole,
completamente alheio
aos meus próprios desejos.

SEQÜESTRO

Dentro de cada um, sua pessoa mais
sensível e palpitante se cachava, se re-
trafa, sempre seqüestrada.

Guimarães Rosa

Deve haver um espaço
nalgum lugar
para onde fui seqüestrada.

Deve haver uma fenda
(subterrânea)
por onde se escapou
a minha réstea de luz.

E lá, além, nos meus longes,
sensível e palpitante,
circulo nua e sem véus.

Deve haver um espaço
onde não uso máscaras
nem sou de encomenda
e desvendo vendas.

Deve haver um espaço
nalgum lugar,
onde só sou essência
e não uva macerada.

VEREDA INTERIOR

Para Carlos Fernando Magalhães

Sou uma dessas estradas asfaltadas
que cortam
 ao meio
a vocação dos buritis de uma vereda:
fico dividida
 entre meus dois lados
e sigo reto o caminho imposto no concreto.

LIMITAÇÃO

Só sei que mão invisível
teceu essa pipa ou pandorga
e para prender o seu sonho –
esse fio de linha tão limitado!

Quanto maior minha ânsia de espaço
mais depressa se esgota minha provisão
e caio. Onde?

Onde a linha não alcança,
nem o olho,
nem o além-olho.

Por que uma linha tão curta
e por que ainda tão frágil
para um projeto tão ousado?

Ou ousado é apenas
o sonho do homem?

GRITO

De todos os gritos
o que mais dói
é o silenciado,
gritado p'ra dentro
do túnel, calado.

Grito acuado no desterro,
sem eco, sem ondas,
amarrado numa pedra
afogado no fundo do poço.

De todos os gritos
o mais triste
é o que mais dói,
é o não gritado.

OCTAVIO SÍSIFO

A própria luta rumo aos cimos basta
para encher o coração de um homem.

Albert Camus

Por que essa chama,
esse frágil círio
no meio do vendaval,
eu não sei.
Por que esse dom precível,
que cisalha irreversível,
no meio do trânsito
e do tráfego louco,
nessa redoma de barro
ou do mais frágil vidro,
também não sei.
Só sei que vale a pena
rolar essa pedra
montanha acima
e perdê-la na vertente,
rolar a pedra novamente,
e outra vez, do vértice,
vê-la descambar até o fundo
e ganhar e perder
e perder e ganhar
e sempre recomeçar.

CIRCUITO FECHADO

Gritei três vezes
no fundo do poço
e mais sete e
todos os números
da cabala e do mito.

Mas não escutei,
como resposta,
nem mesmo o eco
de meu próprio grito.

FARSA

Os rostos que conheço
(iguais ao meu)
não mostram cicatrizes
sobre a maquilagem.

No rosto de todo mundo –
abstratas operações plásticas,
pontos invisíveis cosendo mágoas
e outros mil disfarces.

O rosto do mundo
não é uma face,
é uma farsa.

HISTERECTOMIA

Arrancaram de meu âmago
o meu âmago mais profundo
e me doeu (como doeu!)

Mas não doeu mais
que outras dores mais doídas
de pedaços invisíveis, abstratos,
arrancados sem anestesia,
complacência ou aviso-prévio,
sem a menor suspeita
de que seriam.

FONTE QUE ROLA

A Aparecida Alarcão

Fonte que rola,
fonte que canta,
empresta-me teu canto
de ternura e de paz,
fonte que canta para o vale
e para o sono da flor.

Fonte tranqüila,
sem relutâncias,
que não vai,
mas se deixa ir,
fonte que canta sempre
sem intenção de cantar.

Invejo o teu canto
e o teu destino
de eterno rolar.

Aonde vais
não queres saber,
nem onde deves chegar.

FORA DE ROTA

Experimento o pânico
de um momento:
estou na rua, em meu carro,
e a amnésia de um instante.
Sou estrangeira
em meu próprio bairro:
perdi meu mapa-múndi,
bússola e estrela-guia.
O que sangra é o pânico
do animal em pânico:
estou só no mundo
e perdi minhas referências.
Antigamente um anjo,
um ou outro santo
recompunha o passo
de meu caminho.
Estou só no mundo
e tenho de achar
meu próprio circuito.

CONTINGÊNCIA

Engolir o pranto,
mais uma vez
secar a face,
e apenas sorrir
como disfarce.

CONDICIONAMENTO

Eu podia ser
um riso solto,
só riso,
cascata,
mas impuseram
um rito certo
ao meu riso-riktus
– anti-riso –
exato, no momento certo.

Eu podia ser
eu mesma –
asas soltas
e céu azul –
mas cortaram minhas asas,
homeopaticamente,
cada vez mais rentes.

Os meus passos
cro-no-me-tra-dos
estão, sempre e muito,
aquém do meu lugar.

VANDALISMO

Fui destruindo um a um
os meus heróis rendidos.
Até que, exangue, um dia
destruí também aquele
que suportava dentro de mim.

?

Para onde vou?
Só sei que vou,
vou indo voando.

Pois vasto varre o vento o vale.

O OUTRO

Caminhamos anos após anos
e a meu lado e sempre
a mesma face impenetrável.

Esfinge que sorri
um sorriso estranho
que só vem dos lábios.

De braços dados pela vida
debruço sobre o seu arcano
e não passo do gelo do espelho.

Sondo o seu mundo pro-fundo
e me perco no desvio
do primeiro labirinto.

E olho, e sondo, e procuro,
e desisto diante da resposta
desse espelho tão frio e mudo.

MEU POÇO

Ela era uma pedrinha caindo à imensa
espera de um fundo.

Guimarães Rosa

O meu poço – ah o meu poço
tão escuro, tão profundo!

E vou caindo, caindo, caindo,
à procura de um fundo.

Quem abriu essa mina,
labirinto vertical infundo?

Quem rolou essa pedrinha
à imensa espera de um fundo?

Ah, o meu poço, o meu poço,
só tem começo não tem fundo.

SEM OPÇÃO

Só a madrugada e o sol meridiano,
não a irreversível contagem regressiva
rumo a alguma desconhecida estrela.
Só se quer o açúcar e o mel
não o cotidiano fel e vinagre.
Mas no tempero da vida
não se escolhe o condimento
e se engole o pão amanhecido,
embolorado, sem sal ou fermento
e até mesmo o que o diabo
amassou com o rabo.
E só se come com sofreguidão,
gula e alguma pressa,
alguns pedaços de bom-bocados.

JOGO DE BÚZIOS

Para Gilberto Mendonça Teles

Uma palavra é um sutil búzio em
que rumorejam várias as vozes
do século.

VÍTOR M. DE A. E SILVA

PARÁBOLA DO ARCO-ÍRIS

Thou shalt remain.
John Keats

O que escrevo deve ter as cores do arco-íris:
tons vivos e velados, cor de sangue e de violas.

Deve ter pedaços sangrando, a pura alegria,
mas não faltando nunca o roxo macerado.

Quando escrevo estou no vértice do arco-íris
e me dissimulo nos semitons dos signos.

Guardo um secreto recado em cores decompostas
no mais alto da parábola do arco-íris.

E quem quiser, que faça como Ísis:
recolha o corpo despedaçado de Osíris.

POEMA

Não, não é fácil escrever. É duro como
quebrar rochas.

Clarice Lispector

Eu me desnudo e me visto
neste duro ofício de entrega.

Se as vestes revelam o corpo,
há o pudor e a dissimulação

no trançado desse tecido
que é teia e tato antes de tudo.

Eu me desnudo e me visto.
e nem assim eu me preservo.

Sob o vestido há sempre a pele
que transpira e se revela;

há outra dimensão do signo
que corcoveia e se rebela.

Sob o tecido há sempre um corpo
que se amotina e se entrega.

OS PEIXES DE MEU RIO

No reverso, a história de meus versos.
No avesso, a pura canção de gesso,
que se sustenta no azul da lenda,
no equilíbrio do fio que (entre)teço.

Na superfície, a fruta noturna
de sustentidos ais e bemóis.
Na superfície, a fraude fria
e a neblina sobre mil lençóis.

É no fundo d'água, nos peraus,
que moram os peixes de meu rio.
É no remanso que alguma iara
sempre se esquiva solitária.

De repente, o susto da cilada,
um anzol recurvo – aço e isca –
mas os meus peixes não se entregam,
apenas provam de leve, triscam.

RECEITA

Este meu périplo
não é uma aventura:
pego meu Pégaso
e encilho a asa.

Este meu vôo
em lesto flanco
não dispensa freios
nem alguns arrancos.

Esta minha disparada
pelos cerros e nuvens
pede pé no estribo
e rédea curta.

E se busco lampejos
de pirilampos
em estrelas vagas
vagando lampos,
é na ponta do laço
de lã e aço.

E se campeio notas
nesses campos virgens,
não são as eóleas,
tangidas por sopro
que não domino.

E se cubro e descubro
o corpo místico
desse cavalo alado,
é porque é essa a liturgia
que sustenta o rito.

E se nunca dispenso a asa,
a branca asa de meu Pégaso,
é porque o vôo sem ela
é sempre rasante raso.

POESIA

A poesia tem poros
e transpira seu sangue.

A poesia tem pele
e prepara a carícia.

A poesia tem tato
e calcula o afago.

A poesia tem mãos
e molda o seu barro.

A poesia tem coração
em sístole e diástole.

A poesia tem cérebro
e processa seu dado.

A poesia tem busca
e festeja seu achado.

A poesia é um mito
e sustenta seu rito.

A poesia é marulho de búzios
que rumoreja a maré do princípio.

A poesia são pássaros alados
e muito mais as suas migrações.

A poesia são seixos rolados
rolando a canção de seu ritmo.

A poesia é silêncio
e cala a seu tempo.

PROJETO

Quero buscar a palavra
no meio do húmus do princípio
explodindo em cogumelos.
Buscá-la entre algas primitivas
em aquática ciranda
no fundo do oceano.
Quero buscar a palavra
às margens do lago
no meio do lodo e líquens.
Quero encontrá-la entre fósseis,
calcária, perdida, achada e redimida.
Como pão e alimento
esse sustento
mais necessário à vida.

O RISCO DAS PALAVRAS

Para Moema de C. e Silva Olival

Ah! a miséria da oficina das palavras!
Onde pescar a que melhor convém?

Maiacovski

Diante de você sempre me emudeço.
Tenho as palavras batendo, ba-ten-do
ao peito mais que à garganta.
Mas é tão grande o risco das palavras
que, delas, finjo que me esqueço.

Ah, as palavras, se não houvesse o risco,
eu diria todas, tropeçando em pedras
como algumas cachoeiras, mas jorrando
sem parar a urgência de suas águas.

Mas as palavras acordam até mesmo
os deuses mais adormecidos
e é melhor não dizê-las, guardá-las
como pedras, mesmo ferindo o peito.

Se eu não as disse algum dia,
alguém lhe dirá sem medo do risco,
porque há os que abrem as comportas
e extravazam sem reservas suas águas.

Mas eu sou dessas barragens
que não se entregam nem extravazam,
mesmo com a maior das enchentes.

O MELHOR DOS MORANGOS

O de que gosto não é do vermelho
sabor do morango. Mais e mais que isto –
da camuflagem, do rubor secreto
que não se entrevê no primeiro lance.

Mais que do creme, deleite da sobremesa,
é do ritual de sombras e ciladas,
do véu de veludo velando tudo,
do sigilo do fruto sob as folhas.

O de que gosto não é do agridoce
sabor de primavera. Mais que isto,
é do vislumbre do rubor do cacho
sob o veludo das folhas na penumbra.

CANÇÃO PELO AVESSO

Canto uma canção pelo avesso
que dorme no fundo das águas,
não no cristal da superfície.

Canto uma canção de remanso
que parece segredo de águas,
urdido em silêncio no fundo;

que escorre nas margens do rio,
movendo-se em outro sentido,
levando fraude para a foz.

Canto uma canção pelo avesso
que rola, espuma e sangra
na face das pedras e tomba

como secreta cachoeira,
tropeçando em anácolutos
ou em espaços descontínuos,

lançando suas águas em abismo
de algum subterrâneo calcário,
cheio de nereidas metáforas.

Canto em silêncio uma canção
e lanço-a no rio, como seixo,
só para o milagre do peixe.

Lá bem fundo, nos peraus,
resta a surpresa de um anzol,
resgate de algum pescador,

que ceva, espera, puxa e isca
o peixe que entrega debatendo
a pura canção pelo avesso.

PÁSCOA DIÁRIA

Para Yêda Schmaltz

Pássaros de ovos azuis
nós duas somos,
nessa desova de entranhas.

Peixes pródigos em ova,
buscamos sempre na foz
o sentido contrário das águas.

E esse ovo azul diário,
eterna páscoa e verdade,
é o máximo que temos da vida.

Páscoa de 1985.

POEMA

Não abro as comportas dos signos:
rastreio as palavras primeiro.

Mas antes sinto um calor, um arrepio,
e um leve tremor de terra no cio.

Depois algo por dentro contorce:
é o primeiro sinal da lava quente

gritando a sua urgência de magma,
ou iminência desse vômito de entranhas.

Vem da cratera o dilúvio de lavas
e um raio lav(r)ando levas de palavras.

E antes que a matéria quente se esfrie,
ganhando forma *ad semper* na vertente,

adormeço pedras, acordo outras do sono
e lustro esse leito ainda quente do rio,

que não será definitivo agora nem depois,
enquanto não adormecer, de vez, o vulcão.

O CASO DE CADA UM

O que penso quase nunca falo.
E falo, às vezes, o que não penso.
O que sinto, de fato,
tímido bate à porta
da garganta (oclusa),
mas depois se recua
e se cala, na ante-sala.
Há uma censura que imprensa
esses meus linotipos da fala.
E somos todos assim:
por conveniência,
por polidez e até
por medo ou covardia.

MÉTODO

Eu não busco, encontro.
Pablo Picasso

Não procuro: eu acho
o pomo maduro no cacho.

Não insisto: eu deixo
a água rolar o seixo.

Não desespero: minha emoção
espera o momento na estação.

E só abro a janela
se por ela vêm os pássaros
e as monções que reconheço.

Se vem por ela a migração
de avoantes que não detenho,
ar-re-ben-tan-do ma-lhas-re-des
armadas sobre meu coração.

EVIDÊNCIA

Com a paciência
de quem vai tirando
a forma do barro,
nós vamos compondo
a nossa precária
e vasta eternidade.

Não tenhamos pressa:
a escritura se encarrega
de tirar as pedras do caminho
para ocupar a gleba
que já registramos.

(Donos de direito e de fato,
não haverá demanda,
nenhum litígio no azul
que inventamos).

E no puro silêncio
de quem não precisa
pedir a palavra,
fale a muda eloquência
de quem para sempre
encontrou sua mina
e impôs sua lavra.

SIGNO E SENTIDO

Para Maria Sônia França

Primeiro o amor foi tecendo o seu casulo,
enredando o fio de um anzol arisco
que pescava os segredos do Araguaia
e o silêncio cúmplice dos remansos.

Primeiro a oca se encheu de signos:
derramou-se nela um paleolítico.
E tudo era a presença-ausente
daquela que nunca a habitava.

Depois a forma do amor foi crescendo
e, como bicho ou larva que passa da medida,
já se contorcia e se rebelava no casulo,
cobrando asas e céus de borboletas.

E a oca como a sua paisagem interior
onde antes tudo era belo, mas tabu,
conclama agora não o signo,
mas o sentido do que acena e nunca vem.

DEIXE DE ESTÓRIA:

a História se encarrega
de organizar os livros
na estante.

Indiferente ao papel bíblia
ou à capa de c'ouro,
redime o próprio caruncho
que hiberna nas grutas
das páginas amarelas
de susto do tempo.

E com as mãos
de quem opera milagres,
ressuscita mortos
de centenárias tumbas.

Depois retira tomos,
reordena os signos
num arranjo isento
do capricho humano.

PERMANÊNCIA DAS ÁGUAS

A impulsão lírica (...) pode
nascer de uma réstea de cebolas
como de um amor perdido.

MÁRIO DE ANDRADE

PERMANÊNCIA DAS ÁGUAS

Em mim, permanecem desde sempre as águas.
As imemoriais do noturno princípio,
movendo-se soturnas sobre os abismos.
E a memória de alga e de peixe
dança comigo sua aquática ciranda
no dilúvio dos dias de internada.
Permanecem em mim, desde sempre, as águas.
Não só as de outubro ou de novembro
ribombando trovões cheios d'água.
Nem só as de março e sua neblina
tangendo potros e relinchos na internada.
Permanecem, em mim, as águas
do ritual diário, de mãos e borrifos,
de poço e folguedo de criança nua.
Não as lustrais, as de híssope
ou as de mistérios que não conheço,
mas as calcárias, de rito que invento,
descendo pelo desfiladeiro da garganta
da encosta de um pote imaginário
que instalei doce, fresca e cristalina
mina, neste meu deserto de asfalto.

FLAMBOYANTS

A Maria Helena de Souza

Primeiro, a fronde é uma verde renda,
tecida ao sol do meio-dia.
Depois um ponto de sangue, outro, mais,
e o milagre da multiplicação
sangrando pontas de dedo no verde compacto.
Outubro é uma sangria completa:
jorra em borbotões o vermelho dos flamboyants
escorrendo púrpura real,
estendendo um tapete rubro
aos pés dos dias soberanos.
Meus olhos se perdem em festa
no algodão-doce ensangüentado
dessas nuvens-flores ao poente
em transfusão de esplendor escarlata.
Entro nessa chaga viva de outubro
que escorre a beleza desta estação
e me esqueço do trem que me leva
para outra, muito além da que vem.

A UMA ÁRVORE

A Maria Helena Café

De onde vem essa força
de ressurreição e recomeço,
quando os galhos já eram lenha
na interdição da primavera?
De onde vem esse viço de brota
se houve tanto sol e sal
e tudo era devastação
propagando em seu corpo e alma?
Talvez haja uma outra seiva
de que se alimentem
suas raízes minérias.
Ou talvez haja mesmo
a aprendizagem do cactus:
o rito de fluir para o corpo
e para a seda de suas pétalas
as suas cacimbas interiores.

DOM MAIOR

Para Letice Borges

A imperfeição – esse o meu dom maior.
Tudo aprendi pela metade: o desenho,
a música, a geografia do corpo,
o ritual do amor, tudo imperfeitamente
pela metade.

Pela metade

eu dou a minha amizade.

Pela metade

me entrego para as núpcias.

Pela metade

o meu amor

que jamais confesso:

metade no peito

metade no prato.

Nunca um número perfeito.

MÃE TRINDADE

Para Irmã Trindade Flores

Eu me lembro muito bem
do negro mais que branco
de tuas longas vestes.

De teu talhe esguio,
de tua voz pausada
e de tudo muito bem medido.

Mas do que mais me lembro
não é do sorriso monalisa
nem de teus passos sem ruído:

é da estranha aura de santa
que em canto, na sala de estudos,
via de seu corpo emanar-se.

Do que mais me lembro ainda:
das aulas de Português,
de teus rosários e novenas,

de tua presença discreta
e de um enorme fa(r)do
em teus frágeis ombros.

Do que mais e mais me lembro:
de que eras lírio na comunhão,
de tua justiça de Salomão,
de tua infinita humildade,
de tuas mãos de mãe Trindade,
austeras e tão afáveis,
sossegando a alma rebelde
de filhas emprestadas.

E o de que jamais me esqueço,
é que eras um poço no deserto
e, só por isso, não morremos de sede.

SOLUÇÃO

Eu nunca soube
de um amigo pelo rosto.
Um rosto é labirinto
e canto de sereia.
Eu nunca soube
de um amigo pelo rasto:
nele se planta o cinco salomão
mais as suas terríveis pontas.
Eu nunca soube
de um amigo pelo tato.
O tato é risco:
polpa veludosa de pequi
e legião de espinhos.
Eu nunca soube
de um amigo pelo riso.
O riso é gume dobrado
de punhal de nordestino.
Eu tento adivinhar um amigo
pelos olhos e pela fala
fluindo franquia,
mas falho em falácias.
Eu tento adivinhar um amigo
pelo coração, mas não adianta,
se ele quase sempre bate sim
quando não, e não quando sim.
Eu desisto de sondar um amigo
e o aceito em disponibilidade
(com reservas – não sou Cristo)
mesmo depois de o galo cantar três vezes.

MATER DOLOROSA

Para Marta e Ananias

Como é triste
enterrar um sonho.
Dói a visão do barro vermelho
dos olhos e da terra
sendo misturados nesse ritual
(tão diário e desprovido de rito)
para um selo sem memória.
E dói o vazio enorme da cova
que a nossa pressa abandonou
só para o ofício do coveiro.
E mais que tudo, a visão da “mater dolorosa”,
selando o túmulo do ventre e da garganta
com a massa comprida do peito –
choro-gemido em desespero –
e a tristeza de nunca mais um filho!

BUSCA

Senhor, cerro desesperadamente os dedos
e busco o alvo pastor de minha infância,
encerrado no ouro de um sacrário,
sob as cortinas de seda do tempo,
numa capela tão singela.

Da paz, daquela, o que restou?

Só os círios tremeluziam:

o silêncio e o fervor

desciam catacumbas

que minh'alma noviça penetrava

para refúgio de minha cristandade.

Quem foi, Senhor, o Nero de meu templo?

INOCUIDADE

Tenho nas mãos as mordanças
que compraram o meu silêncio.

Recém-saída de meu subterrâneo,
não vejo mais: a luz me cega.

É preciso força e supra-força
para desatar nós-cegos e outros nós

e vomitar o pranto e a lava quente
de revolta e de amor seqüestro.

Mas o que me adianta ter nas mãos
as rotas mordanças de meu silêncio

e nos olhos a tardia lembrança
de um arco heptacolor na íris,

se ainda uma vez mais sou cúmplice
de mãos que ataram nós-laços?

Se nem sei caminhar sobreterrâneo
e tenho medo da aprendizagem,

por que as mãos libertas e o outro plano
onde luz apenas me fere e cega?

AS DUAS FACES DA MEDALHA

Primeiro Deus controlava meus passos
e orientava meus quatro pontos cardeais
com a Sua infalível bússola.

Flamejava Sua onipotência nos raios,
estrondava surda a Sua ira nos trovões,
enquanto eu, avestruz, mal levantava os olhos.

Onde quer que eu andasse, com ou só,
ouvia o ruído abafado de Seus passos,
Sua sempre presença flagrando um rato.

E eu lhe entregava todos os meus pensamentos,
palavras, omissões e nada Lhe sonegava
porque Ele de tudo sabia por antecipação.

Quando Deus me sorriu pela primeira vez,
não O reconheci e sondei a Sua face,
como se fosse o mais estrangeiro dos estranhos.

Acho que sequer O convidei a entrar –
foi um pai tão tirano na infância
que ainda carrego a minha orfandade
(dentro de um fardo de pecados).

Hoje, estremunhada vou com Ele às Oliveiras,
vejo Seu rosto banhar-se de angústia e sangue
e o pedido para que d'Ele se afaste o cálice.

Mas jamais consegui cunhar numa só
essas duas faces da moeda
e fazê-las circular em paz na minha vida.

Jamais consegui esquecer na renascença
o pai da Idade Média cheio de armaduras,
lanças e facas que me deram na infância.

REDUTO

Uma vez mais, uma vez mais,
faço armistício com a vida.

E nessa curta trégua sem trégua,
examino destroços no minado espaço,
a carne e o ventre sangrando
e o subterrâneo campo-de-concentração.

Do que restou, nem sei se possível
compor o corpo e alguma nominada face.

Mas levo os meus destroços e luto –
a coragem é só o que me resta.

DECISÃO

Eu não quero – e isto é definitivo –
o amor compulsório,
de desobriga ou desencargo,
com taxa de ICM inflacionada.

Não o amor-obrigação
de salvar aparências,
não esse investimento
de altos riscos e nenhum retorno.

Não o amor faz-de-conta,
o ritual estabelecido
e desgastado: esse nojo,
essa náusea, esse vômito.

Só o amor que não se cobra,
a despeito de papéis passados,
que verdadeiro e nu de convenções
se deita, puro e liberado.

TRANSITÓRIO CRISTAL SOBRE A MESA

A gente sabe que todas as coisas
são frágeis e se quebram:
transitório cristal sobre a mesa.

Mesmo assim, o gosto de tê-las,
visitá-las com o olhar,
e sabê-las sobre mesa.

Até que a casca de ovo
da xícara japonesa
se trinque e trague cacos
e um quebra-cabeças
para a vida inteira.

APRENDIZAGEM

Para Daniela França e Souza

A flor de pêssego de seu verbo
floresceu muito antes de setembro.
E a explosão-ipê de seus axiomas
douraram manhã mais temporã.

Por isso uma floresta de signos
no ser tão profundo se agita
e um vento alísio é presságio
de alguma aridez e dor.

Mas você abre suas próprias picadas
e suporta a gestação do cactus,
mais algum punhado de espinhos,
para que a flor-de-seda encasulada
se libélule mais verdadeira.

No horizonte onde estão suas retinas
pode haver angústia, não desespero,
pois você marca sua própria pegada
no chão que é seu por conquista.

E desfaz um a um nós e laços
e a camisa-de-força do começo,
ganhando o seu próprio espaço,
escrevendo o seu próprio texto.

O TRÂNSITO DA ESCOTILHA

Dar-se, doar-se
até mais não ser,
até não mais se pertencer
e, apesar, pouco ainda ser
para quitar os mensageiros da cobrança.
Qual a medida da encomenda?
Tudo ou nada? Nada em tudo?
A medida quem a estabeleceu,
se não nós próprias,
em côvados de direitos,
polegadas de méritos
e milhas de doação e renúncia?
Nesse mar já não conheço
latitude ou longitude
onde pontilhe o destino de uma ilha:
só como se vai ao fundo
nesse meu submarino.
Mais que isto, só isto:
o trânsito da escotilha.

RESSURREIÇÃO

No meu muro de Berlim,
no flanco esquerdo da casa,
cresciam juntas duas trepadeiras.

Uma delas morreu de coice
e a outra grassou ligeira
explodindo, ex-plo-din-do em flor.

Tanto minh'alma sofreu e chorou
por lianas secas, flores natimortas,
que a minha trepadeira ressuscitou.

ENCONTRO

Para Madre Pilar Romero

Yo soy (...) un pulso herido que ronda
las cosas del otro lado.

García Lorca

Senhor, desço as minhas
galerias subterrâneas,
minhas águas calcárias
e vou caminhando em direção
ao centro de mim mesma,
buscando o incenso vivo
de Tua funda presença:
cavernas pré-históricas,
estalactitas milenares
e Tuas pegadas impressas
como um fóssil impossível.
Lá bem fundo estás,
luminosamente belo,
resplandecente e pacífico,
jogando bálsamo de infância
em minha alma triste.

DESENCONTRO

Pus-me sob seus olhos
para que me pudesse ver,
mas você olhava o horizonte
e por isso me perdeu.

Pus-me a seu lado
para que pudesse me tocar
e, de tão próxima,
fiquei fora de alcance.

Pus-me distante
para que mais
não me pudesse ver.

E só assim, desterrada,
você foi me buscar, mas
me encontrou, descontraída.

SALDO

Para onde foi a rola
"fogo-apagou" que cantava
dentro de mim, ao sol
do meio dia

ao fundo do quintal?

Para onde bem-te-vis,
sabiás-laranjeiras
brancas de noiva
a qualquer hora do dia?

Para onde o meu quintal,
incenso de frutas maduras,
altar de oferendas
a deuses enfatiados?

No meu deserto, algum oásis,
alguma sombra, gotas d'água,
e até uma flor de pedra,
mas nenhuma asa de pássaro.

PART(IDA)

Contemplo o seu rosto
dormindo no meu colo:
é sereno, é lindo.
Rosto de homem redimido,
não de um herói-bandido.

Passeio minhas mãos
pelo seu rosto apascentado,
busco a geografia oculta,
o salto do felino e tudo,
mas você é gume de poesia
no meu peito apunhalado.

Passo meus longos dedos
nos seus olhos cerrados
que dormem o sono dos (in)justos.
Sobre eles lanço essa vigília
de quem espera, na madrugada,
o momento certo da partida.

ELEGIA

Para Anilfa e Márcia H. de Faria

Ah, caro vizinho, todos nós, todos,
sentimos o vazio de sua ausência,
embora sua presença discreta
se impusesse tão mansa,
ruminando manhãs e tardes,
como se nem mesmo existisse.

E todos nós o amávamos à distância –
do outro lado da rua – na gleba onde expunha
sua mansidão de animal ferido
e condenado, sua resignação,
sua polidez e velado sorriso
velando escaras no peito compungido.

E todos nós o amávamos à distância
e tanto que o nosso próprio espanto
não aceita a solitária visão da varanda.
E tanto que ainda o vemos em plenitude,
com a sua mansidão de pássaro abatido,
ocupando seu espaço no vão do alpendre.

Ah, se soubéssemos, Senhor Maurício,
dessa antecipada viagem irreversível,
não teríamos esperado o Natal ou Ano Novo
para um ou outro abraço casual:
teríamos mais vezes buscado a varanda,
muito mais vezes visitado seu coração.

RESTAURAÇÃO

Depois do desastre e mil pedaços,
recompusemos nossos destroços
e do que sobrou – um novo começo.

Nossas mãos unidas
ganharam outra força
e reinventamos outra vida.

PROCURA-SE

Quero um amigo verdadeiro
a quem possa vomitar
a alma e o coração inteiro.

Que me ouça sem interromper,
sem condenar nem defender,
que apenas me ouça o mais profundo.

E depois, sem nada cobrar,
seja terno, seja puro, só amigo,
bebendo comigo, sem dividir nem multiplicar,
a grande solidão de meus segredos.

PALAVRA ADIADA

Eu sempre quero lhe dizer a palavra certa
ou quem sabe, a que você mais espera,
no entanto ela fica presa e represa
e mais uma vez protelo o instante.

O que houve entre nós não foi um equívoco,
foi a moenda dos dias moendo o remôo da mó
que moía o nosso macerado trigo de cada dia,
esmagando nossos dois grãos exaustos de moagem.

E vendo seus gestos de remissão e esforço,
eu quero perdoar, mas não sei se posso,
porque antes nada foi feito para preservar
dentro de mim o incenso de flor-de-laranjeiras.

Nada foi feito para alargar o leito
tão raso e tão cheio de peixes-seixos
por onde fluía o pequeno fio
de meu minguado rio interior.

EMBOSCADA

Tenho medo, tenho medo
de todas essas coisas
com sabor de profundezas.
De coisas em treva ocultas
 (como um útero)
que tramam em silêncio
e armam ciladas
a salvo de nossas retinas.
Tenho medo dessas coisas
segregadas em segredo,
como um visgo verde
de um fígado escuro
urdindo oculta arapuca.
Tenho medo dessas coisas
liberadas em sigilo,
aladas, livres de controle
 (como um câncer)
que vivem nas profundezas
de tocaia e emboscada.

BALANÇO

Estive sempre aquém (ou além) do instante:
não disse sim quando devia,
não disse não quando queria;

não beijei no tempo certo,
nem sequer amei na hora
em que o coração mais pedia.

E ainda agora protelo o beijo,
guardo o afago para outro instante,
que nem sei se virá um dia.

CACTUS DA SERRA

Venho de terra seca, crestada,
(com alguma secreta cacimba)
e não conheço a primavera –
da chuva, conheço a espera.

Busquei a chuva e a primavera
no verão e em todas as estações,
mas da chuva e da primavera
só conheço a dimensão da espera.

Venho de terra irmã da cinza,
sem grotões nem cascata interior,
mas não sou retirante:
sou cactus da serra.

TRIGO ECUMÊNICO

A Dom Benedito Coscia

Naquele tempo, um pescador de almas
foi a um rio de água doce-clara,
que banhava os amplos domínios
da abelha jataí, e fez prodígios:

multiplicou peixes, pão, mel e,
sem nunca dividir, somou os homens
em cardumes mesclados, nos quais
não faltava mesmo a discriminada
e dissonante nota do som do maçon.

Fê-los todos girar uma moenda,
peixes híbridos-mesclados-solidários,
produzindo um trigo ecumênico,
capaz de matar a fome do mundo.

Nesse dia, um pescador de almas,
nos domínios da abelha jataí,
ensinou, a uma província e ao mundo,
a mais simples receita da paz.

LACUNA

Para Laércio Abreu

Há os que passam
e não deixam rastros.
Há os que vão, mas ficam,
e nada lhes preenche
o tamanho do espaço.
Há os que ficam
e nada somam.
Há os que vão
e fazem falta,
não aos seus somente,
mas ao mundo!

VULNERABILIDADE

Como é difícil construir:
anos de pedra sobre pedra
e cimento e cal e lágrimas.
Depois polir, amaciar,
um véu de veludo sobre tudo,
afagar o sonho concreto.
Mas num átimo de instante
a construção recebe o comando
de um controle terremoto
e se desfaz em cinzas
de cimento e cal e lágrimas,
e pedras ferindo pedras.

A SOMBRA

Ah, sombra!
A sombra assombra.
Passe de lado, dissimulado.
Ou deixe o sol meridiano
bater no teto, de chofre.
Porque a sombra assombra!
A reta é sempre maior
que o atalho.
E a sombra, sempre maior
que o espantalho.
Por isso assombra, a sombra.

REVEZAMENTO

Para Denófrío

Lado a lado, caminhamos cireneus.
Às vezes quem carrega a cruz
e suporta os espinhos sou eu.
Outras vezes é sua a via-crucis
e revezamos, rumo ao calvário, cireneus.

E ai de nós nesse dia de flagelo
em que ambos, em via-crucis
simultânea, cairmos por três vezes
na nossa solidão de apenas cristos,
sem nenhum disponível Cireneu.

LIMIAR DA POTÊNCIA E DA MAGIA

Para Cláudia C. França Rodrigues

Há um tempo em que se pode
estender as mãos, tocar o céu,
colher o arco-íris, a estrela cadente,
ou ser a bela adormecida no bosque.

Há um tempo em que tudo se pode:
chorar de alegria, sorrir do pranto,
e ainda ser feliz, quando se divide
e se reparte o coração em mil pedaços;

ter todos os sonhos em policromia,
girar o mundo na palma da mão
e sofrer, profundamente, de amor
plenamente correspondido.

Há um tempo em que tudo se pode,
mas é pena (quanta pena!)
que não se possa em tempo saber
o quanto se pode nesse tempo!

ENIGMA

Quem dorme nos meus braços?
O sempre estranho companheiro de viagem.
Na mão direita uma flor e,
na esquerda, um punhal de aço.
Quem dorme nos meus braços,
não é um homem – é um enigma.

PROPOSTA

Eu daria tudo,
venderia a alma
por qualquer preço,
se eu te conheço,
se eu te conheço!

INDECIFRÁVEL

Trancado em sete cofres
e a sete chaves,
os sete segredos
de teu coração,
pulsando tão perto,
tão perto do meu.

ARCO-ÍRIS

Aqueles que não nos matam, nos tornam mais fortes.

Nietzsche

Tenho que digerir este, elefante
ainda atravessado na garganta.
Os ácidos eu os fabrico fácil:
basta-me essa náusea amanhecida
de Messias que vêm para salvar.
Basta-me o odor idolatrino
deste contingente cego e surdo
que cisalha vidros, incendeia,
espuma o canto da boca, baba,
como se fosse isto um hino
para um deus de barro.
Basta-me (e já é demais)
esse tom de comício na voz
de tantos e tantos profetas
que saíram de seu jejum,
depois de condenar a comida
de que se empanturram depois.
Basta-me esse arco-íris
negando todas as suas cores no céu.

FRAGÍLIMA ARGAMASSA

Para Weber V.A. Marra

Areia e água: a matéria
de que fabricamos nossos sonhos.
Nas praias que inventamos,
traçamos nossa aérea arquitetura
e levantamos nossos castelos
respingando areia e água
pelas pontas dos dedos.
Levantamos nossas fortalezas
(em areia e água)
e as contemplamos inexpugnáveis
com a ternura de um menino.
Até que um pé –
passante pela praia –
vandalmente esmague o burgo
e reduza a pó
qualquer vestígio de sonho.

A presente edição de Amaro Mar, de Darcy França Denófrío é o volume número 7 da Coleção "Poetas de Sempre". Foi composta em máquina Forma Composer, com tipos da Família Fortime Medium, corpo 12/10 e 12/12. A mancha tipográfica é de 22 x 40 paicas, operada por Vera Lúcia Santos, nos estúdios da própria Editora. O papel é de fabricação nacional no formato 89 x 114 - 90 g/m², especialmente encomendado para esta edição e fornecido por Samab - Cia. Indústria e Comércio de Papel, à Avenida Amazonas, 311 - Belo Horizonte. Capa do artista plástico Cláudio Martins. Os fotolitos da capa foram executados pela Multicor, à Rua Carijós, 840 - Belo Horizonte. Planejamento gráfico e diagramação de Alceu letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 - Brás - São Paulo, para a Editora Itatiaia Limitada, à Rua São Geraldo, 67 - Belo Horizonte. No Catálogo Geral leva o número 1058/5B.....

Quem assim se exprime tem a graça da poesia, conhece o segredo da linguagem e sabe reduzir o mundo a belezas realmente admiráveis.

Gilberto Mendonça Teles

Trata-se de um valiosíssimo trabalho de pesquisa crítica, lingüística (melhor dito, metalingüística) e literária e que denota pleno conhecimento do autor e de sua obra e completo domínio dos instrumentos indispensáveis de investigação. (...) Em suma, considero que sua monografia – *O poema do poema* – pode equiparar-se, sem favor, às melhores das universidades européias e norte-americanas.

Armando Correia Pacheco

Vôo cego é um dos mais belos livros de poesia aqui editados. Você nada fica a dever a nossos poetas mais conhecidos, tanto no que respeita ao conteúdo, quanto à forma. (...) Gosto muito de seus poemas (...) que me encantam pela técnica e pela habilidade da autora, em mobilizar o verbo, dinamizando-o, como coisa viva, poética – em uma palavra!

A.G. Ramos Jubé

O livro da professora Darcy se embrenha agilmente por todos os escaminhos da pœtica telesiana e ao final nos oferece a “chave do mistério” da poesia de GMT, expondo às claras o seu fechado universo poético. Um livro para se ler com atenção e muito útil igualmente no campo da teoria literária.

Fernando Py



UMA EDIÇÃO ITÁLIAIA É SEMPRE UM BOM LIVRO
Belo Horizonte